RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 25/05/2020.

UNESP **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI

DAS CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS, UM PARADOXO: O UNIVERSO ROMÂNTICO-CRISTÃO DE CHATEAUBRIAND

ARARAQUARA – SP.
2018

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI

DAS CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS, UM PARADOXO: O UNIVERSO ROMÂNTICO-CRISTÃO DE CHATEAUBRIAND

Tese de Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientadora: Profª. Drª. Guacira Marcondes Machado Leite

Bolsas: CNPq/CAPES (Estágio Sanduíche)

ARARAQUARA – SP.
2018

Carminatti, Natália Pedroni
Das consonâncias e dissonâncias, um paradoxo: o universo romântico-cristão de Chateaubriand / Natália Pedroni Carminatti — 2018
277 f.

Tese (Doutorado em Estudos Literários) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Profª. Drª Guacira Marcondes Machado Leite
Coorientador: Fabienne Bercegol

1. François-René de Chateaubriand. 2. Romantismo. 3. Cristianismo. 4. Consonâncias. 5. Dissonâncias. I. Título.

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI

DAS CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS, UM PARADOXO: O UNIVERSO ROMÂNTICO-CRISTÃO DE CHATEAUBRIAND

Tese de Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa
Orientador: Profª. Drª. Guacira Marcondes Machado Leite
Coorientadora: Fabienne Bercegol
Bolsas: CNPq e CAPES (Estágio Sanduíche)

Data da defesa: 25/05/2018 (às 14h)

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profª. Drª. Guacira Marcondes Machado Leite
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Membro Titular: **Profª. Drª. Maria Suzana Moreira do Carmo**
Universidade Federal de Uberlândia

Membro Titular: **Profª. Drª. Flávia Cristina de Souza Nascimento Falleiros**
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/São José do Rio Preto

Membro Titular: **Profª. Drª. Norma Wimmer**
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/São José do Rio Preto

Membro Titular: **Profª. Drª. Andressa Cristina de Oliveira**
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Vai ser uma menina: ao grande Homem da minha vida que, a datar do dia em que recebeu a notícia de que seu sonho seria realizado, nunca deixou de sorrir. Era uma menina e para sempre serei a sua menina. Ao meu pai todo meu Amor e Respeito.

AGRADECIMENTOS

Há algum tempo penso no sentido do verbo agradecer a fim de compor os agradecimentos da presente pesquisa. Agradecer; mostrar gratidão ou agradecimento; render graças e reconhecer. Algumas acepções desse vocábulo no dicionário mostraram-me a singularidade de tal verbo. Todavia, agradecer a quem e por quais circunstâncias, já que a notícia da aprovação na prova de proficiência do curso de Doutorado veio-me com um peso tão grande, que imaginei não poder suportar. Comecei o exame de proficiência com um sorriso expressivo em meus lábios, terminei-o com uma profunda tristeza. Muitas vezes, questionei-me se deveria dar continuidade às avaliações, ainda que estivesse sem forças para continuar e sem perspectivas de seguir em frente. Com o auxílio de minha orientadora, a professora e amiga Guacira, cujas imperiosas palavras, naquele momento, diziam-me que precisava resistir e dar a minha vida o significado que sempre almejei.

Resisti. Terminei todas as etapas e fui aprovada. Hoje, agradeço à professora Guacira, por estar ao meu lado nestes dozes anos de formação literária e existencial, por me ensinar muito mais que a língua francesa. À minha orientadora, sou eternamente grata por tudo que fez e faz por mim, todos os dias. Agradeço também à Divina Providência, que abriu todos os caminhos para o desenvolvimento dessa tese, iluminando meus pensamentos, que, inúmeras vezes, pareciam sucumbir às trevas do desespero e da melancolia. Confiei na palavra Divina e, mais uma vez, resisti.

Agradeço a meus pais, Maria Helena e Tadeu, pois unidos, conseguimos vencer todas as adversidades impostas ao longo dessa jornada e, confiando uns nos outros, chegamos a essa data tão importante para minha formação acadêmica. Aos meus irmãos, Ricardo e Gustavo, agradeço pela amizade, fraternidade e paciência. À minha família, todo meu amor e minha eterna gratidão. Às minhas sobrinhas, Maria Fernanda e Eduarda, que com o brilho de seus olhos e o sorriso pueril, alegraram-me nos momentos mais difíceis. A tia Tai ama, incondicionalmente, vocês duas.

À professora Fabienne Bercegol, *qui m'a reçue deux fois à Toulouse et m'a fourni beaucoup d'informations sur l'oeuvre romanesque de Chateaubriand, mille mercis.* Às professoras Norma e Andressa que, desde o Exame Geral de Qualificação, contribuíram para o aperfeiçoamento de meu trabalho, e mais uma vez, trazem abordagens valiosas a meu texto. À professora Suzana, pelo – sim – de participar da banca de defesa da presente pesquisa, oferecendo-me uma leitura minuciosa e bastante pertinente de meu trabalho.

Ao Rafael Gallina Bin pela presença, companheirismo, retórica e fidelidade. “De uns lances de dados à convivência *sui generis”*. *Merci chéri*.

À minha querida amiga Cidinha Mendonça. Muito obrigada por todas as orações, pela “fé” e pelo estímulo de que tudo já estava certo. Por cuidar da minha família com sua mão benevolente e divina. Muitíssimo obrigada.

À Tashira Tais Marrero Rivera pelos socorros imediatos, traduções e ajustes e, sobretudo, pela amizade entrelaçada em terras francesas.

Às minhas fiéis escudeiras, Juliana Maria Barbosa e Letícia Cordeiro de Oliveira Bueno. Uma em Toulouse, outra em São Paulo, minhas queridas amigas que me deram forças, todos os dias, para superar os lapsos de imaginação e a ansiedade que parecia não ter fim.

À Tais Matheus, a datar do curso de Mestrado, auxilia-me com sua tranquilidade e paz de espírito. Muito obrigada, outra vez, pelo carinho e companheirismo.

Aos meus amigos, meus parceiros preferidos, Jéssica Alves e Valter Souza, pelas aventuras, risadas, jantares e passeios em São Paulo nos instantes em que a tensão imperou. Muitas vezes obrigada!

Ao meu amigo Lucas Leocádio das Neves que, nas manhãs de terças e quintas, alegra-me com suas mensagens e sua energia radiante. Sou grata!

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsa de Doutoramento, permitindo que eu me dedicasse integralmente a esta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de Bolsa Sanduíche, possibilitando a ida a Toulouse, com intuito de realizar um estágio junto à *Université de Toulouse Jean-Jaurès*, sob a direção da professora doutora Fabienne Bercegol.

L'ÂME ERRANTE

Je suis la prière qui passe
Sur la terre où rien n'est à moi;
Je suis le ramier dans l'espace,
Amour, où je cherche après toi.
Effleurant la route féconde,
Glanant la vie à chaque lieu,
J'ai touché les deux flancs du monde,
Suspendue au souffle de Dieu.

Ce souffle épura la tendresse
Qui coulait de mon chant plaintif
Et répandit sa vite ivresse
Sur le pauvre et sur le capitif.
Et voici louant encore
Mon seul avoir, le souvenir,
M'envolant d'aurore en aurore
Vers l'infinissable avenir.

Je vais au désert plein d'eaux vives
Laver les ailes de mon coeur,
Car je sais qu'il est d'autres rives
Pour ceux qui vous cherchent, Seigneur!
J'y verrai monter les phalanges
Des peuples tués par la faim,
Comme s'en retournent les anges,
Bannis, mais rappelés enfin…

Laissez-moi passer, je suis mère;
Je vais redemander au sort
Les doux fruits d'une fleur amère,
Mes petits volés par la mort.
Créateur de leurs jeunes charmes,
Vous qui comptez les cris fervents,
Je vous donnerai tant de larmes
Que vous me rendrez mes enfants!

Marceline Desbordes-Valmore (1983, p.215)

RESUMO

As novelas chateaubrianas inauguraram um novo fazer literário, graças à coerência ideológica que nelas encontramos: estamos na presença de textos que evocam a excelência do Cristianismo, no período posterior à Revolução Francesa de 1789. E tratar da religião cristã em um período, cuja fé deixou de ser significativa, representou uma infinidade de idealizações para Chateaubriand. Refletir o jogo das paixões sob a ótica do Cristianismo exigia um estudo mais amplo: investigar a teologia a partir da gênese do Eu e da arqueologia dos desejos. Pensando nisso, a eloquência desses escritos ficcionais pediu uma teoria que, se não os explicasse integralmente, ao menos, pudesse acalmar as contrariedades do coração humano. Sendo assim, à luz do ideário pré-romântico de François-René Auguste de Chateaubriand, elevou-se o *Génie du christianisme* (1802), obra apologética redigida para comedir o sentimento melancólico e comprovar a superioridade da doutrina cristã. Nessa perspectiva, o presente trabalho propõe uma minudente análise de suas narrativas indígenas que, pela mente inquieta do memorialista, puderam, em um mesmo volume, servir de exemplos à poética cristã traçada no *Génie*. A princípio foram ilustrações; mas, ulteriormente, publicadas separadamente, ofereceram-nos distintos horizontes de interpretação que, incorporados, testemunharam a magnificência da religião cristã católica. Nesse sentido, selecionamos *Les Natchez* (1826), *Atala* (1801), *René* (1802) e *Les Aventures du dernier Abencérage* (1826) com o propósito de reconstruir o universo paradisíaco do Éden, antes da Queda do homem, a fim de estimular o renascimento da consciência cristã. A despeito de *Les Aventures* ter sido escrita em 1810, posteriormente à publicação do *Génie*, nela também observamos o triunfo do Cristianismo não mais em terras americanas, mas no Ocidente, na Espanha. Posto isso, o escopo da presente pesquisa é demonstrar que das consonâncias e dissonâncias emergiu um paradoxo, aquele referente ao romanesco mundo mítico cristão. Para tanto, ancoradas nas produções contemporâneas de Fabienne Bercegol (2009), Jean-Claude Berchet (2012), Béatrice Didier (2006), Pierre Glaudes (2013) e outros especialistas franceses, exploramos o microcosmo chateaubriano repensado sob uma perspectiva vertical, aquela do Eu cristão.

Palavras-chave: François-René de Chateaubriand; Romantismo; Cristianismo; Consonâncias; Dissonâncias; Paradoxo.

RÉSUMÉ

Les nouvelles de Chateaubriand ont inauguré une nouvelle conception littéraire, grâce à la cohérence idéologique qu'on y rencontre: nous sommes en face de textes qui ont évoqué l'excellence du Christianisme, dans la période postérieure à la Révolution Française de 1789. Et traiter de la religion chrétienne dans une período où la foi a laissé la signification a représenté une infinité d'idéalisations pour Chateaubriand. Réfléchir sur le jeu de passions à la lumière du Christianisme demandait une étude plus profonde qui exigeait une théorie qui, si elle ne l'expliquait pas en totalité, au moins, a pu calmer l'expérience de l'inquiétude humaine. De ce fait, sous la plume pré-romantique de François-René Auguste de Chateaubriand s'est élévé le *Génie du christianisme* (1802), l'oeuvre apologétique construite pour atténuer le sentiment mélancolique et prouver la supériorité de la doctrine chrétienne. Dans cette perspective, ce travail propose une analyse minutieuse des récits de l'écrivain, ceux qui, par l'esprit agité du mémorialiste avaient pu, dans un même recueil, servir d'exemples à la poétique chrétienne esquissée dans le *Génie*. C'étaient des illustrations, mais publiées séparément, qui ont été découpées, en nous proposant des horizons d'analyses différentes qui, intégrés, témoignent de la magnificence de la religion chrétienne catholique. Ainsi, nous avons choisi *Les Natchez* (1826), *Atala* (1801), *René* (1802) et *Les Aventures du Dernier Abencérage* (1826) dans le but de remonter jusqu'à l'univers paradisiaque d'Éden et de stimuler l'éveil de la conscience chrétienne. Même si *Les Aventures* est en désaccord avec cet univers paradisiaque et si elle a été écrite en 1810, après la publication du *Génie*, on y voit le triomphe du Christianisme, non plus dans les forêts américaines, mais à l'Occident, en Espagne. Ceci étant dit, l'objectif de cette recherche consiste à démontrer que, d'après les consonances et les dissonances un paradoxe est apparu, celui qui se réfère au monde romanesque mythique chrétien. À cette fin, ancrée dans les productions de Fabienne Bercegol (2009), Jean-Claude Berchet (2012), Béatrice Didier (2006), Pierre Glaudes (2013) et d'autres spécialistes français, nous explorerons le microcosme de Chateaubriand repensé dans une perspective verticale, celle du Moi chrétien.

Mots-clés: François-René de Chateaubriand; Romantisme; Christianisme; Consonances; Dissonances; Paradoxe.

ABSTRACT

The novels of Chateubriand opened a new way of making literature thanks to its logical coherence: we are at the presence of texts that evocate the excellence of Christianity in the period after the French Revolution of 1789. To deal with the Christian religion in a time in which faith had become meaningless resulted in an infinity of idealizations for Chateaubriand, allowing him to reflect on the game of passions under the optic of Christianism. Consequently, this demanded a larger study: to investigate theology starting from the genesis of the I and the archeology of desires. Having this in mind, the eloquence of this fiction demanded a theory that, if not explained the contradictions of the human heart entirely, at least could calm them. Therefore, under the light of François-René Auguste de Chateaubriand's preromantic principles, emerged the *Génie du christianisme* (1802), an apologetic work written to hold the melancholy and to proof the superiority of Christian dogmatism. In view of this, the present work offers a detailed analysis of his Indigenous narratives that, because of the inquisitive mind of the memorialist, served, in a volume, as examples to the Christian poetics found in the *Génie*. In the beginning, his narratives were illustrations of his ideas, but, subsequently, when published apart, they offered distinct horizons of interpretation which, incorporated to each other, testified the magnificence of Catholic Christian religion. With that in mind, we selected *Les Natchez* (1826), *Atala* (1801), *René* (1802) and *Les Aventures du dernier Abencérage* (1826) with the intent to reconstruct the paradisiac universe of Eden, before the Fall of men, to stimulate the rebirth of Christian French consciousness. Even though *Les Aventures* had been written in 1810, after the publication of the *Génie*, we observe the triumph of Christianism not in American lands, but in Spanish lands. In that regard, the scope of the present research is to demonstrate that from the consonances and dissonances emerged a paradox referent to the novelistic Christian mythic world. To do so, and following the contemporaries researches of Fabienne Bercegol (2009), Jean-Claude Berchet (2012), Béatrice Didier (2006), Pierre Glaudes (2013) and other experts, we explore Chateaubriand's microcosm rethinking it under the vertical perspective of the Christian-I.

Keywords: François-René de Chateaubriand; Romanticism; Christianity; Consonances; Dissonances; Paradox.

DAS NOTAS TRADUTÓRIAS

A presente pesquisa de Doutoramento interseccionou duas línguas neolatinas, a portuguesa e a francesa. Pensando nisso, a autora traduziu todos os vocábulos de origem francófona para o Português Brasileiro, executando, quando necessárias, as devidas alterações de sentido, de modo que os leitores tenham uma compreensão extensiva das ficções, ainda que se trate do francês literário dos séculos XVIII e XIX. Portanto, nas notas de rodapé encontram-se as referidas traduções, cuja autoria é de integral responsabilidade da autora e, no seio da análise, os fragmentos em sua versão original.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 63
Figura 2 108
Figura 3 170
Figura 4..... 223

SUMÁRIO

PREÂMBULO 13
CONSIDERAÇÕES INICIAIS 15
APRESENTAÇÃO 16
1 *VICOMTE* DE CHATEAUBRIAND: DO CETICISMO À CONVERSÃO - ANOTAÇÕES BIOGRÁFICAS E HISTÓRICAS 22
1.1 De *L'Essai* ao *Génie*: "[...] *je ne suis plus que le temps*". 36
1.2 *Génie du christianisme* e a renovação da fé cristã: um mito romântico 48
2 O MARAVILHOSO PAGÃO E O MARAVILHOSO CRISTÃO: O SINCRETISMO NATURAL - RELIGIOSO DE *LES NATCHEZ* 72
2.1 Da utopia ao abismo: a descoberta do Mal na atmosfera idílica do Novo Mundo 73
2.2 A natureza disfórica e ambivalente do Novo Mundo: um *roman noir* 83
3 REINVENTANDO A TRADIÇÃO PASTORAL: A MENSAGEM CRISTÃ DE *LES AMOURS DE DEUX SAUVAGES DANS LE DÉSERT* 109
3.1 "*Je ne suis point la Vierge des dernières amours [...], je me nomme Atala*". 111
3.2 A redenção pela fé: Atala, uma "subversiva" heroína cristã? 145
4 UMA PERTURBAÇÃO OBSSESSIVA: O NÃO (RE)NASCIMENTO DE SI E DA RELIGIÃO CRISTÃ EM *RENÉ* 176
4.1 "*Passions et malheurs"*: uma existência errante, um homem maldito 177
4.2 *"Je meurs en morceaux": une âme blessée par la mélancolie*, o mal de René 194
5 CRISTIANISMO *VERSUS* ISLAMISMO: O ENTRECHOQUE RELIGIOSO DE *LES AVENTURES DU DERNIER ABENCÉRAGE* 225
5.1 *Le roman grenadin*: um dispositivo estético do Belo Ideal 226
5.2 *"Honneur et Amour"*: dois sentimentos, um único vencedor – A Providência Divina 244
CONSIDERAÇÕES FINAIS 262
REFERÊNCIAS 268
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 272

PREÂMBULO

A fim de que o leitor possa compreender como seu deu a publicação das obras que serão interpretadas na presente pesquisa de Doutoramento, preferimos, antes de tudo, trazer alguns dados pertinentes a elas e que são de extrema importância para o entendimento e funcionamento da análise aqui concretizada. Primeiramente, *Les Natchez*, *Atala* e *René* pertenceram a um mesmo volume, praticamente, finalizado no início de 1799. Todavia, por certas razões, um ano mais tarde, Chateaubriand optou por não publicar o conjunto de seu manuscrito. Sendo assim, a obra *Atala* saiu publicada, separadamente, em 1801, ao passo que *René* saiu, posteriormente, em 1802, e o restante do manuscrito *Les Natchez*, cerca de vinte e cinco anos mais tarde, em 1826, com algumas correções do texto original, não alcançando o mesmo sucesso literário dos episódios precedentes.

Decorreu que Chateaubriand também pensou em acoplar *Atala* ao volume em que tratou da poética do Cristianismo, o *Génie du christianisme*, publicado em 1802. No entanto, em carta enviada ao *Le Journal des Débats*[1] e ao *Le Publiciste*[2], o memorialista advertiu-nos de que a quarta parte do *Génie*, intitulada, *Harmonies de la religion, avec les scènes de la nature et les passions du coeur humain*[3], terminou por uma anedota, *Atala*: *"Quelques épreuves de cette accident qui me causerait un tort infini, je me vois obligé de la publier à part, avant mon grand ouvrage"*.[4] (CHATEAUBRIAND, 2009, p.41). Outra vez, alguns impedimentos não lhe permitiram de publicar *Atala*, episódio de *Les Natchez*, na teoria apologética do Cristianismo.

Assim, o prefácio da primeira edição em 1801, e os respectivos avisos da terceira e quarta edições, desse mesmo ano, apresentaram notas explicativas à decisão chateaubriana. Já no prefácio de 1805, Chateaubriand esclareceu-nos outros pontos significativos à publicação de *Atala* e *René*. *Atala* foi reimpressa onze vezes, dentre elas, cinco apareceram, separadamente, e seis nas edições do *Génie du christianisme*. A décima segunda, publicada em 1805, foi revista com bastante cuidado, visto que Chateaubriand passou quatro anos trabalhando no referido episódio.

René, que acompanhou *Atala* na edição de 1805, nunca tinha sido impresso, separadamente: apareceu, a princípio, em sequência à *Defesa do Génie du christianisme*, em

---

[1] "Jornal de debates".
[2] "O publicitário".
[3] "Harmonias da religião, com as cenas da natureza e as paixões do coração humano".
[4] "Algumas provas deste acidente que me causariam um dano infinito, fui obrigado a publicá-la, separadamente, antes da minha grande obra".

1802. Ainda que não a tivesse escrito para integrar a edição do *Génie*, preparada em Londres, a narrativa adequou-se à poética do Cristianismo, revelando-se como comentário do capítulo intitulado *Du vague des passions*[5]. Embora *Atala* tenha recebido o mesmo esmero de *René*, foi com essa novela que Chateaubriand teve sua celebridade reconhecida.

No que tange à novela *Les Aventures du dernier Abencérage*, narrativa que de acordo com Maurice Regard (1969) parece ter sido escrita, completamente, no final do verão de 1810, teve sua publicação dezesseis anos mais tarde, em 1826. Diferentemente das ficções precedentes, não conta com um prefácio, apenas com um *Avertissement*[6] do autor. Vale dizer que tal Advertência inédita apareceu, pela primeira vez, em três páginas, sofrendo distintas modificações nas edições posteriores. Para consulta, o texto primeiro encontra-se disponível na edição da Plêiade, juntamente com as notas explicativas do editor.

Com efeito, destacamos a importância da leitura dos prefácios a título de exemplificação de cada uma das edições das novelas, para que o leitor não se perca em meio às modificações entremeadas pelo ficcionista. Acrescentamos, ainda, que todas as paisagens e as decorações das narrativas, aquelas que tiveram como cenário as florestas americanas, a despeito de não terem sido visitadas por Chateaubriand, são resultado de suas leituras feitas a partir de outros autores viajantes que estiveram na Flórida, com especial ênfase a Charlevoix, Bartram, Lafitau, Carver, Lahontan. Não devemos nos esquecer, também, da reiterada influência da obra *Histoire de Voyages*[7] do abade Prévost. Dito isso, concluímos que tudo em Chateaubriand tem uma correspondência quer na História, quer em sua formação literária e pessoal. Sendo asssim, suas ficções e a teoria poética cristã que a fundamentava certificaram um “renascimento social pelo retorno do Cristianismo”.

---

[5] “Do vago das paixões”.
[6] “Advertência”.
[7] “História de viagens”.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A magnificência da literatura está, parcialmente, em sua capacidade artística de exprimir a interioridade humana. Está lá, presente em todas as circunstâncias em que o homem sente necessidade de voltar a si mesmo. Vivenciamos uma era de especulações e dificuldades e a evolução cultural do homem torna-se, a cada dia, substancial. Questionamentos são levantados no que tange à funcionalidade da Literatura, mas nós, pesquisadores das Letras, sabemos que ela dá significado e orientação à nossa existência. O ensejo de estudar a arte que produzimos abre itinerários distintos, no entanto, convergentes a um tema axial: a impossibilidade de o homem responder a si mesmo inquirições que fogem de seu domínio concreto.

O ser humano, a despeito de sua racionalidade, carece de explicações que transcendem o limite de sua consciência, porém a experiência cotidiana faz com que estes utopistas racionais percam toda racionalidade a fim de, pelo menos, acreditar que tudo tem um objetivo e uma aplicabilidade no universo em que prestamos obrigações. Sintoma complementar é a incessante busca do sublime em entidades superiores que nos conduzem a crer que nada é por acaso, e o que experimentamos aqui apresenta um sentido e uma determinação. Nunca pensamos que Literatura e Religião conjugar-se-iam profundamente, empenhando-se em confluir uma com a outra. Todavia, harmonizam-se e isso foi o bastante para darmos início a este trabalho que tanto nos instigou.

Diante disso, os estudos a que nos propusemos desenvolver na presente investigação buscará emitir uma nota positiva sobre Literatura bem como sobre a Religião Cristã, a qual, nos tempos atuais, fragmentou-se em tantas crenças, cedendo espaço a diversas doutrinas. Há na religião ou na literatura uma resposta à melancolia humana? Não sabemos se há uma resposta concludente; todavia, é satisfatória, a menos que sirva para aliviar as constantes provações a que somos submetidos, diariamente.

Nosso grande mestre Carlos Drummond de Andrade, que com pouquíssimas palavras, disse o suficiente: “No meio do caminho tinha uma pedra”. Mal sabíamos que uma pedra provocaria tantos alardes. Nessa perspectiva, não intentamos definitivamente um posicionamento, mas desenvolver uma nova leitura das obras de François-René Auguste de Chateaubriand.

APRESENTAÇÃO

> *Enivrez-vous: Il faut être toujours ivre. Tout est là: c'est l'unique question. Pour ne pas sentir l'horrible fardeau du Temps qui brise vos épaules et vous penche vers la terre, il faut vous enivrer sans trêve. Mais de quoi? De vin, de poésie ou de vertu, à votre guise. Mais enivrez-vous. Et si quelquefois, sur les marches d'un palais, sur l'herbe verte d'un fossé, dans la solitude morne de votre chambre, vous vous réveillez, l'ivresse déjà diminuée ou disparue, demandez au vent, à la vague, à l'étoile, à l'oiseau, à l'horloge, à tout ce qui fuit, à tout ce qui gémit, à tout ce qui roule, à tout ce qui chante, à tout ce qui parle, demandez quelle heure il est; et le vent, la vague, l'étoile, l'oiseau, l'horloge, vous répondront: Il est l'heure de s'enivrer! Pour n'être pas les esclaves martyrisés du Temps, enivrez-vous; enivrez-vous sans cesse! De vin, de poésie ou de vertu, à votre guise.*[8] (BAUDELAIRE, 1917, p.122).

Escrava martirizada do tempo, v*oilà*[9], chegou a hora de você se embriagar, diz Baudelaire. Portanto, diríamos, embriague-se profundamente, não só de vinho, mas de muita virtude e de impetuosa poesia, a fim de que possa penetrar no universo exótico de François-René Auguste de Chateaubriand, cujo domínio é singular, místico, permeado por uma sublime Existência em meio a todas as Inexistências que despersonalizaram o Eu nos séculos XVIII e XIX. Um escritor transcendente, que soube fazer de suas agitações internas, um estudo premonitório do sentimento da miserabilidade humana e do *mal du siècle*. Com Chateaubriand, a literatura deu um passo à frente, atingindo dimensões, outrora, não concebidas e nem ainda imaginadas. A fim de nos integrarmos ao "grande todo chateaubriano", foi preciso nos sensibilizar, pois só assim conseguiríamos participar de seu cosmos edênico. Então, sensibilizemo-nos!

Pensando na elaboração da paisagem literária chateaubriana, decidimos, na presente pesquisa, debruçarmo-nos em sua literatura romântico-cristã. Sendo assim, tornou-se imperativo interpretar a imaginação exuberante de Chateaubriand em congruência a sua posição dogmática cristã. Por isso, digo que foi preciso nos embriagarmos de vinho, de virtude e, sobretudo, de poesia, pois a conexão com a ordem irracional humana obrigou-nos a ir em direção ao além, desligando-nos da pequenez que recobre as nossas relações sociais.

---

[8] "Embriagai-vos: É NECESSÁRIO estar sempre bêbado. Tudo se reduz a isso; eis o único problema. Para não setirdes o fardo horrível do Tempo, que vos abate e vos faz pender para a terra, é preciso que vos embriagueis sem cessar. Mas – de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor. Contanto que vos embriagueis. E, se algumas vezes, nos degraus de um palácio, na verde relva de um fosso, na desolada solidão de vosso quarto, despertardes, com a embriaguez já atenuada ou desaparecida, perguntai ao vento, à vaga, à estrela, ao pássaro, ao relógio, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai-lhes que horas são; e o vento, e a vaga, e a estrela, e o pássaro, e o relógio, hão de vos responder: – É a hora de embriagar-se! Para não serdes os martirizados escravos do Tempo, embriagai-vos; embriagai-vos sem tréguas! De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor! [Tradução de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira].

[9] "Eis".

Desconectada das mazelas humanas, partimos em busca de encontrar a significação, embora ela não seja concludente, do desejo chateaubriano de catequizar o povo francês à religião cristã. Foram muitas as circunstâncias em que nos questionamos a fundamentalidade do processo catequizatório, vindo, especialmente, de um escritor que, a princípio, mostrou-se descrente de tudo e de todos. Não era só a nação francesa que precisava acreditar em uma força superior capaz de ordenar o caos reinante no período pós Revolução Francesa de 1789. Era o próprio íntimo de Chateaubriand, que experimentou mudanças circunstanciais, necessitando de uma brusca conversão. E tal conversão deu-se, prontamente, no lugar que chamou de Novo Mundo, ou, Novo Éden.

Segundo Berchet (2012) viajar é desejar, e o âmago do nosso ficcionista almejou, ardentemente, reconstruir-se além mar. Mas será que foi somente o dele? Chateaubriand na América; Natália, na Europa: as determinantes linhas desse trabalho nasceram da embriaguez toulousiana de sua autora, que pôde conhecer lá, por intermédio de uma fortuna crítica especializada, um novo Chateaubriand, sonhador e romântico por si só.

Nessa direção, do ateísmo de *Essai sur les révolutions* (1797) à supremacia cristã do *Génie du christianisme* (1802) percorremos importantes textos chateaubrianos que nos concederam uma visão particular de sua obra e, mais que isso, descobrimos a indispensabilidade de conhecer todas as suas publicações, com intuito de construir uma análise interpretativa de quem foi, ou melhor, quem é Chateaubriand para a literatura romântica. Pouco nos importou aqueles que assinalaram a prepotência do memorialista e, até mesmo, criticaram as suas postulações, mesmo assim, reconhecemos na literatura, na filosofia, na antropologia e na história chateaubrianas um escritor plurissignificativo e um prazer intenso ao atravessar suas memórias. A dimensão espacial dirigiu-nos a uma dimensão memorialística, permitindo-nos trazer ao tempo presente, o momento crucial de sua tumultuosa existência.

Reunindo, portanto, na presente investigação uma seleção de relevantes estudiosos dos textos do historiador bretão e explorando suas obras literárias, apresentamos aqui um estudo veemente e incisivo daquele que foi para nós o grande nome da literatura pré-romântica na França dos séculos Setecentista e Oitocentista. O leitor poderá se intrigar a respeito da escolha das obras e da temática elegida; mas, à medida que a leitura for se perfazendo, acreditamos que as devidas lacunas poderão ser apagadas e o poeta viajante se configurará em suas mentes, como se configurou em nossa.

Ancorada em uma perspectiva romântico-cristã de análise dos volumes, à luz da teoria defendida no *Génie*, transitamos entre as narrativas que enalteceram a superioridade da

religião cristã, especialmente aquelas que poderiam ser integradas ao *Génie*, com o propósito de comprovar a teoria ali exposta, e também uma última, *Les Aventures du dernier Abencérage*, em que Chateaubriand afastou-se do modelo clássico até então preponderante nele.

Sendo assim, optamos por dividir a presente pesquisa em cinco capítulos independentes; todavia, interseccionados. No primeiro deles, tratamos de Chateaubriand, melhor dizendo, de sua formação enquanto escritor pré-romântico. Do ceticismo à conversão, cedemos voz a ele mesmo, em vários momentos, pois suas próprias palavras nos deram maior convicção à sua conversão religiosa. Relevantes anotações autobiográficas e históricas preencheram as páginas do capítulo primeiro.

Nessa perspectiva, ao acompanhar seu projeto existencial, trazemos informações pertinentes a seu desenvolvimento intelectual, referências essas, indispensáveis ao entendimento característico do ideal literário chateaubriano. Ainda nesse capítulo primeiro, apresentamos a obra *Essai historique sur les révolutions anciennes et modernes considérées dans leurs rapports avec la Révolution française*[10] (1797), cuja recepção passou, praticamente, despercebida, como foi comprovado. E ele vivenciou não só a Revolução Francesa, mas também uma revolução bastante expressiva, aquela relativa ao Eu, que ofereceu marcas proeminentes a seu estilo de escritura e a escolha das temáticas de suas ficções.

Dito isso, na seção primeira deste capítulo inicial, examinaremos o *Essai* e sua singular importância, visto que nessa obra, deparamo-nos com um Chateaubriand ateísta, que se desligou dos princípios religiosos, esteve descrente da existência de uma entidade Superior, capaz de reger o universo. Como bem posicionou Maurice Regard (1978), o *Essai sur les révolutions*, obra de desencorajamento, ofereceu-nos um espetáculo das nações, acima de tudo, da nação francesa, que desmoronava com a falta de uma religião: *"Quoi! C'est là ce que je disais quand je n'étais pas chrétien! Cet Essai doit être un livre bien étrange"!*[11] (CHATEAUBRIAND, 1978, p.19).

Da enciclopédia histórica, isto é, do *Essai* ao *Génie*, percebemos o amadurecimento literário do escritor bretão na tentativa de explicar não só a Revolução Francesa de 1789, como, igualmente, a de si próprio. Por isso, a partir da interpretação histórica das revoluções, esforçamo-nos para entender seus pensamentos dissonantes e paradoxais. O sentimento de

---

[10] "*Ensaio histórico sobre as revoluções antigas e modernas consideradas em suas relações com a Revolução Francesa*".

[11] "O quê? Foi isso que eu dizia quando não era cristão! Este *Ensaio* deve ser um livro bem estranho"!

insatisfação pessoal, proveniente de uma inquietação vaga, particular ao coração humano, impulsionou Chateaubriand à escrita e, ulteriormente, os escritores românticos. Surgiram do *Essai* esses primeiros "lances de dados".

Em vista de tudo isso, dividimos o primeiro capítulo em duas partes biográficas e teóricas que nos auxiliaram na análise das narrativas indígenas e cavalheiresca. Na segunda delas, falamos sobre a teoria apologética do *Génie*, fonte de renovação da fé cristã em Chateaubriand e fundamento para as ilustrações ficcionais do autor. Nesse sentido, o *Génie* decretou um renascimento social graças ao retorno do Cristianismo. Assim, com o supracitado volume, vimos que a história da humanidade, quanto à noção de progresso, caminhava em razão das luzes lançadas pela religião.

No que tange ao segundo capítulo, como evidenciamos anteriormente, seguiremos a ordem de redação das novelas e não a de sua publicação. Pensando nisso, nessa segunda etapa, cuidamos da análise de *Les Natchez* (1826), narrativa que inaugurou o conjunto de novelas indígenas que ambicionavam demonstrar a excelência da religião cristã, já que nos deparamos com duas naturezas sincréticas nessa novela: a de influência cristã bem como aquela pagã, própria dos indígenas. Foi nesse *récit* que apareceu, pela primeira vez, o infortunado René, europeu que sofria de um Mal desconhecido, visto que não era capaz de decifrá-lo.

O maravilhoso pagão e o maravilhoso cristão, a despeito das diferenças circunstancias, influenciaram-se, mutuamente. Do universo pagão ascendemos ao sublime universo cristão e nem por isso devemos nos esquecer das contradições do coração humano, pois mesmo na colônia primitiva dos *Natchez*, o poder do Mal se fez presente, transformando a novela idílica em gótica, caso a presença de seres maléficos fosse invocada. Nesse segundo capítulo, também o dividimos em duas seções que se complementaram na busca incessante do Eu cristão. Tomadas por um amor inesperado, indissociável da dor e do sangue, as personagens entregaram-se à solidão e ao suicídio, na esperança de afagarem a melancolia existencial.

De *Les Natchez* partimos para a análise de *Atala* (1801) ou *Les Amours de deux Sauvages dans le désert*.[12] Para tanto, neste terceiro capítulo, edificamos a análise da novela a partir da tradição pastoral, haja vista o desejo chateaubriano de reconstruir o universo paradisíaco do Éden. Em *Atala*, observamos o retorno de tal tradição; porém reinventada, no sentido de que temos características do gênero da pastoral; no entanto, essas características foram sustentadas por uma moral cristã. O cenário idílico da novela cedeu lugar às descrições

[12] "O amor de dois selvagens no deserto".

erotizantes, desmitificando, desse modo, a pureza das civilizações indígenas. Nessa esteira de reflexões, de acordo com Fabienne Bercegol (2013), Chateaubriand reinventou e descontruiu o universo idílico do Novo Mundo.

Em um segundo momento do capítulo terceiro, também apresentado em duas seções, há uma abordagem da personagem Atala, enquanto subversiva heroína romântica, visto que preferiu a morte a suportar os infortúnios que poderiam ser gerados, caso se entregasse ao amor de Chactas. Afastando-nos da crítica recente chateaubriana, percebemos que a novela *Atala*, de certa forma, não foi, integralmente, exemplar à ilustração da excelência do Cristianismo, pois a jovem indígena preferiu dizimar a própria sua vida, subvertendo um dos princípios basilares da religião: "o suicídio não é a vontade de Deus para ninguém", pois o desígnio divino escolheu a Vida e não a Morte.

Atala e *René*, duas novelas modelares, do ponto de vista literário chateaubriano, testemunham a supremacia da religião cristã. Por esse motivo, no quarto capítulo da presente pesquisa, penetramos no universo obsessivo de *René* (1802), em sua consciência desassossegada. O discurso de tal personagem foi simbólico, revelador de sua condição decaída e miserável, enquanto ser humano exibiu-nos o homem sob a insígnia do pecado.

"Morrendo aos pedaços", a personagem que carregou o nome do próprio autor sofreu de uma angústia, de um Mal inominável. Com *René* os homens refletiram sobre *L'Être-Homme*[13] e todas as suas implicações. Uma alma ardente e melancólica, cuja causa profunda e enigmática, desvendou-se nas páginas que preenchem esse trabalho. Ilustração do conceito de *"vague des passions"*, a supracitada novela cumpriu um papel fundamental para os românticos, à medida que tratou de um Eu perturbado, que não conseguia se desvincular de suas inquietações interiores. Foi com *René* que se deu o surgimento da noção de *"mal du siècle"*. A ele, dedicamos, portanto, duas seções, que interseccionadas, representaram minuciosamente quem foi essa existência errante e maldita: um desafortunado, renegado pela Providência.

Por fim, no quinto capítulo e último desta tese de Doutoramento, concentramo-nos na leitura analítica e interpretativa da novela chateaubriana que seguiu o modelo das antigas novelas de cavalaria, *Les Aventures du dernier Abencérage*, publicada em 1826. Destoando-se das narrativas indígenas anteriormente examinadas, que tiveram como cenário as terras do Novo Mundo, *Les Aventures* reviveu o tempo heroico das novelas de cavalaria, num ambiente simbólico, isto é, na cidade de Granada, região espanhola da Andaluzia.

---

[13] "Ser Homem".

Ao contemplar a estética do Belo Ideal, exposta no *Génie du christianisme*, a novela inseriu-se no quadro do romance *grenadin*. Nesse veio interpretativo, temos uma narrativa escrita sob o estilo trovadoresco espanhol, que, como *Atala*, apresentou uma mensagem moralizante, relativa à sublimidade do Cristianismo. Dessa forma, mais uma vez, observamos o desígnio chateaubriano de comprovar o triunfo da religião cristã, sob o intrigante jogo das paixões. Tal como os capítulos precedentes, esse derradeiro também se encontra delimitado por duas seções coordenadas, que recuperam as características tangentes ao gênero hispano-mouresco, e sob a égide do amor sacrilégio, enfatizaram o ensinamento do verdadeiro ideal cristão.

A obra de Chateaubriand ainda não foi muito explorada no Brasil. De nossa parte, mergulhamos no microcosmo chateaubriano, a fim de certificar o mérito do memorialista para o desenvolvimento das concepções românticas. Ao fazê-lo, além disso, é possível verificar que, naquele momento, posterior à Revolução Francesa, a religião foi indispensável à sociedade, pois os homens destituídos de fé não visualizaram um caminho a seguir.

A literatura chateaubriana nos convida, então, ao "teatro oculto da subjetividade moderna", em que os homens, escravos martirizados do Tempo, carregam desejos insatisfeitos. Preenchidos por um vazio existencial, paradoxalmente, vivem de frágeis ilusões. Com efeito, ao conceder uma visão pessimista da paixão, a escrita mágica de Chateaubriand gravou o desespero da consciência amorosa solitária, gênese de uma melancolia que dominou o século XIX, estendendo-se até os dias de hoje. O homem irracional, apresentado sob o jogo das paixões, deu-nos sua visão do mundo e do Eu, mostrando-nos o Paraíso perdido, e abrindo espaços expressivos para as forças regressivas e destrutivas que regem o cosmos. Foi, portanto, inevitável que essa melancolia se impusesse, inexoravelmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente estudo, trilhamos um percurso histórico no que tange às ficções romanescas de François-René Auguste de Chateaubriand. Nesse itinerário interpretativo, ressaltamos os aspectos consonantes, dissonantes e paradoxais desse universo mítico-cristão. Por intermédio do processo de escritura, o ficcionista bretão inaugurou uma nova maneira de considerar os gêneros textuais, uma vez que, desconstruindo-os, remodelou-os sob sua visão cristã, circunscrevendo-se no quadro de uma literatura moderna, diríamos, introspectiva, voltada para o Eu, e ancorada nos fundamentos religiosos do Cristianismo. "Princípe do Eu", percebemos que o memorialista deu uma aparência nova à literatura francesa, modernizando-a, a partir dessa renovação dos gêneros literários.

Posto isso, com a publicação do *Génie du christianisme* (1802) vimos um despertar da consciência cristã, lançada junto aos escombros deixados pela Revolução Francesa de 1789. Uma revolução burguesa, utópica que acentuou as diferenças sociais, ampliando, veementemente, suas desigualdades, mascarando, nesse sentido, os próprios princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade idealizados por ela. Confluente de dois séculos históricos, XVIII e XIX, Chateaubriand não só presenciou esses eventos sociais bem como se integrou a eles, perdendo quase toda sua família nesse massacre revolucionário. O que dizer de uma Era do Terror e de um escritor, inicialmente, descrente e desligado dos dogmas religiosos?

Inicialmente, com a publicação do *Essai sur les révolutions* (1797), conhecemos um Chateaubriand ainda clássico, formalista, cujos interesses pareciam, a todo o momento, oscilar, pois não encontravam uma base sólida que os sustentasse. Uma obra plural, agressiva, que atacou não só o Antigo Regime, mas também os padres e, sobretudo, os filósofos. Afastando-se da filosofia iluminista do século XVIII, o emigrado solitário em Londres, mostrou-nos que, por trás do estudo da Revolução Francesa, deu início a uma investigação muito mais abrangente e significativa, àquela relativa à revolução do Eu. Pensando nisso, o memorialista, leitor de Jean-Jacques Rousseau, seu notável mestre, tratou da miséria humana e de tudo a ela conectado.

Sendo assim, o *Ensaio histórico* apresentou-nos uma primeira análise do *mal du siècle*, em seguida, personificado na personagem René. Em contraposição aos filosóficos do Século das Luzes, Chateaubriand pensou o espetáculo das nações como um processo cíclico, em que a sociedade, periodicamente, repete as mesmas etapas, dissolvendo a liberdade da natureza em despotismo e corrupção. Incontestavelmente, o *Essai* e o *Génie* são duas obras que dialogaram

entre si, opondo-se uma à outra. Essa ideia elementar foi indispensável às considerações levantadas aqui. A partir dessa relação dialógica, tivemos um panorama dinâmico do pensamento chateaubriano relativo ao progresso, impregnado pelos acontecimentos revolucionários e pela tradição clássica. A censura ao mundo do dinheiro exposta no *Essai* questionou as razões de sistematização da sociedade e, até mesmo, o futuro da religião.

Diante disso, a publicação do *Génie du christianisme* representou um marco para a literatura francesa. Adotando uma posição religiosa contrária àquela do *Essai*, Chateaubriand tratou de um tema caro ao império napoleônico: a recuperação de uma religião igualitária, o Cristianismo, cujos dogmas pautam-se nos ideais de caridade, igualdade, fraternidade e, acima de tudo, liberdade. Uma obra de consolação aos homens, ao próprio Eu chateaubriano desintegrado e descontente. Conforme salientamos, a revolução do Eu, desencadeada com o *Essai*, permeou todo estudo antropológico-poético do escritor bretão. Conciliando a investigação do Homem a da religião, o volume forneceu-nos uma visão paradoxal da verdade do Homem, defendendo o mito original da conversão.

Isto quer dizer que o discurso em defesa do Cristianismo, além de traduzir a excelência da religião cristã, condenou o ateísmo e a filosofia. No coração das reflexões chateaubrianas, verificamos que as verdades filosóficas só funcionariam se estivessem em correspondência com as verdades cristãs. A conversão ao Cristianismo foi a solução possível encontrada por Chateaubriand para apaziguar a melancolia existencial que, epidemicamente, dominou as almas naquela passagem de século. O caminho espiritual conduziria os homens a um encontro satisfatório consigo mesmo. Como uma energia positiva, a religião converteria os seres humanos à experiência do Bem.

De fato, a renovação das ideias religiosas em benefício da confidência íntima e da análise dos sentimentos, por intermédio do jogo das paixões, assinalou as inconstâncias da natureza humana. Por esse motivo, Chateaubriand preferiu tratar da Providência, testemunhando a indispensabilidade da fé para afastar o mal-estar reinante. O retorno do Cristianismo representou não só o renascimento do apologista, mas da sociedade francesa. Fiel ao Deus cristão, o *Génie* veio auxiliar a França a sair do caos revolucionário, anunciando a superioridade do Cristianismo em detrimento das demais religiões. Ora, o *Gênio do cristianismo* permitiu a reintegração do Homem a Deus, foi a mediação entre a Terra e o Eterno.

Para uma teoria exemplar era preciso ficções singulares, mas será que os textos analisados no presente trabalho realmente demonstraram a excelência do Cristianismo tão almejada por Chateaubriand? Por meio da experiência do sagrado, o memorialista, baseado

em seu próprio processo de conversão, redigiu quatro narrativas ilustrativas dos impasses da sublimação das paixões. Ao voltar-se para a América, o Novo Mundo, Chateaubriand acreditou que o universo edênico antes da Queda do Homem pudesse ser recriado; no entanto, os homens decaídos e marcados pelo pecado original perderam-se em meio aos vícios da civilização.

Ante o questionamento colocado, com *Les Natchez* a vitória edificante do Mal ficou, perfeitamente, comprovada. A princípio, observamos um texto que se assemelhou àqueles da tradição pastoral, porém o cenário idílico deu lugar a uma filosofia da História, concentrada na tragédia e na corrupção do gênero humano. Nessa direção, *Os Natchez* deram-nos uma pintura pessimista da humanidade, entregue às tendências vis, exibindo-nos um perfil de homem egoísta, que se preocupou tão somente consigo próprio, mesmo que isso lhe custasse o massacre de toda uma comunidade indígena. Foi com a personagem René, personificação de Satã, que assistimos ao duelo do Bem e do Mal.

Uma natureza corrompida pelas forças do Mal, René foi um herói maldito que contaminou toda a comunidade dos *Natchez*, revelando sua imagem por intermédio das forças devastadoras do Mal, uma vez que todos os seus erros foram emblemáticos dessa natureza maléfica. Por esse ângulo, a "epopeia do homem da natureza" é o paradoxo apresentado no título da presente pesquisa, já que retornando ao barbarismo da espécie primitiva, vimos que a máxima rousseauniana do "homem bom = homem selvagem", não valeu para a tribo dos *Natchez*, pois aqueles indígenas tinham seus próprios vícios, impulsionados pelo sentimento vago das paixões. Temos uma atmosfera coordenada pelo engenho do Mal, que venceu a soberania divina. Em torno desse processo de desnaturalização das forças energéticas do Bem, a narrativa, possivelmente, falhou na pintura da excelência do Cristianismo, porque o império de Satã denunciou toda a miserabilidade, a perversão e decadência das civilizações.

Como alegoria da Revolução Francesa, o microcosmo dos *Natchez* compôs os homens sob o signo do pecado, e aquele espaço primitivo da América perdeu sua simplicidade em meio ao ardor de uma terrível violência. Aproximando-se da narrativa gótica, *Les Natchez* revelou-nos a fraqueza humana e o incrível potencial destruidor da energia selvagem da natureza. De uma ficção a outra, em *Atala* o estilo da tradição pastoral manteve-se mais duradouro que na epopeia precedente. Ainda que tentasse recompor a imagem idílica da Arcádia, apresentando, dessa forma, inúmeras características peculiares ao gênero, a natureza sedutora do Novo Mundo incitou as personagens ao pecado.

Sob a pena exótica de Chateaubriand, outra vez, denotamos a desmitificação do cenário idílico. Mesmo que tenha renovado a tradição pastoral com a introdução de uma

mensagem cristã, a personagem principal da trama, Atala, do dicionário grego, Bela Eterna, transgrediu os mandamentos dogmáticos do Cristianismo: com seu suicídio, percebemos que a jovem indígena jamais poderia alçar à categoria de heroína cristã, pois tirou a própria vida, o bem maior concedido por Deus, faltou aos desígnios do Pai. A missão civilizatória da religião traçada no *Génie*, de certa forma, falhou também em *Atala*.

A América, desenhada primeiramente como novo Éden, tanto em *Les Natchez* como em *Atala*, desconstruiu o mito do Bom Selvagem rousseauniano. Manifestando, nas páginas iniciais da narrativa, aspectos consonantes à religião cristã, à medida que analisamos o texto, identificamos pontos dissonantes ao Cristianismo, e o suicídio foi o principal deles. Como escrever um texto com o intuito de ilustrar a excelência da religião cristã, colocando como personagem principal uma suicida?

A fortuna crítica chateaubriana sublinhou, insistentemente, a despeito do suicídio, o desenvolvimento da personagem no decorrer da narração como uma verdadeira heroína; decorreu que, a nossos olhos, Atala, diferentemente de Blanca e Amélie, jamais alcançaria o título de santa, pois seu discurso foi bastante característico de sua personalidade, revelando--nos quem foi essa mulher transgressora. Atala mereceu mesmo a alcunha de heroína? Provavelmente, não, pois escolheu a morte a enfrentar todas as adversidades impostas pela Providência.

Ao pensar o jogo das paixões em intersecção com os ensinamentos do Cristianismo, Chateaubriand, com seu exotismo, demonstrou-nos uma natureza exuberante e encantadora, capaz de desvirtuar os homens de seus preceitos. Ainda que a jovem indígena tenha morrido em nome da religião, esqueceu-se de que a vida é o bem mais precioso dos mortais. Sabemos, então, que Atala morreu porque temia a Deus, não acreditando, fielmente, em sua eterna misericórdia. Atala não foi uma cristã por excelência, e sua história foi redigida por consonâncias e dissonâncias, construindo um paradoxo: o suicídio como justificativa para o Amor sacrílego. Como não buscamos, no presente trabalho, respostas concludentes, levantamos os pontos consonantes bem como os dissonantes dessa ficção romanesca, acreditando que as narrativas se sustentam por si só e não são apenas panfletos do Cristianismo.

Atala, *René* e *Les Natchez* são resultados da aventura chateaubriana na América e o *Génie* traduziu a missão civilizadora da religião. O escritor viajante buscou no contato com a natureza, nas florestas americanas, vivenciar o estado bárbaro, fugindo de um país que renunciou ao Cristianismo. Na figura do melancólico René há características próprias de Chateaubriand. O capítulo quarto foi dedicado a este infortunado romântico, o europeu que

amaldiçoou a tribo dos *Natchez*, acreditando ser rejeitado pela Providência Divina, por isso, viu-se como inocente. No *Génie*, revelou detalhes daqueles homens perdidos por terem provado o fruto da ciência: presunçosos, julgaram conhecer tudo sobre o Bem e o Mal. René foi arquétipo de um deles. Lutou, desenfreadamente, para se livrar da melancolia existencial; no entanto, falhou em todas as suas investidas.

Incapaz de se tocar pela fé, René cedeu a todas as tentações do Mal, condenando a si próprio com uma existência errante e maldita. Recusando auxílio do Todo-Poderoso, entregou-se à vida repleta de pecados, martirizando todos aqueles que se colocaram ao seu redor. Mas, punido por sua consciência desassossegada, a personagem romanesca não deu a devida atenção a seu nome. Escravo martirizado da sua alma melancólica, a tessitura narrativa embora em suas primeiras páginas estivesse dissonante à doutrina cristã, com a personagem Amélie, demonstrou-nos uma percepção espiritual do texto: Amélie recebeu, meritoriamente, a alcunha de santa, pois confiou na promessa Divina de salvação. Nessa perspectiva, contrariamente à *Atala*, temos, à primeira vista, uma narrativa dissonante aos princípios religiosos, já que René foi exemplo absoluto dessa dissonância.

Todavia, com o avanço da leitura, as relações consonantes ao Cristianismo romperam, anunciando-nos que a decisão de Amélie de ir para o convento foi a melhor saída para amenizar sua angústia. Com a valorização de tais lugares sagrados, Chateaubriand pretendeu chamar a atenção dos franceses, uma vez que com a Revolução muitos desses ambientes estiveram em ruínas. Com *René*, apreendemos o âmago da fé com a finalidade de acalmar o mal-estar da civilização. O Amor que sensibilizou os heróis e heroínas chateaubrianos foi o mesmo vivenciado pelo escritor, que teve o mesmo fim que suas personagens: a solidão.

Para Blanca e Aben-Hamet, a solidão também foi o melhor caminho. Os amantes de Granada, conscientemente, souberam renunciar ao Amor sacrílego. *Les Aventures du dernier Abencérage* evocou o fim dos tempos heroicos dos mouros na região da Andaluzia; contudo, exaltou a glória do Cristianismo. Da análise interpretativa de todas as ficções, precedentemente estudadas, a única que se apresentou, integralmente, consoante aos mandamentos basilares do Cristianismo foi essa. Suas personagens, evidentemente, apreenderam os valores reais de Honra e de Fé. Negando todos os artifícios do desejo, o jovem casal entregou-se, completamente, às suas respectivas religiões, fiéis ao seu compromisso com Deus/Alá.

Assim, a história de Blanca e Aben-Hamet foi a perfeita realização da religião cristã. Ainda que tenha sido escrita, tardiamente, Chateaubriand entregou-nos a mensagem que, nas ficções predecessoras talvez tivesse deixado abertas margens para dissonância, até mesmo,

paradoxos. Vitória para o Amor, por meio do sacrifício dos amantes, que não sucumbiram às volúpias da carne; porém, consagraram-se a um Ideal supremo.

Com a soberania do *ethos* cristão, Chateaubriand inscreveu-se na literatura pré-romântica, fornecendo-nos uma escrita mágica e misteriosa, preenchida por um universo místico e virtuoso. A metafísica da religião alcançou com a literatura chateaubriana uma posição secular. Segundo Fabienne Bercegol (2009), testemunhamos com Chateaubriand o triunfo do ágape, amor divino, sobre o Eros.

Escapando das fraquezas humanas Aben-Hamet e Blanca concretizaram suas ideologias, e o Ideal de amor heroico cumpriu seu papel na novela, pois *"[...] les coeurs qui s'aiment s'entendent à demi-mot"*.[507] (CHATEAUBRIAND, 1978, p.472). Segundo Chateaubriand (1978), Deus é o grande segredo da natureza e o homem, ignorante e fraco, conhece sua miserabilidade. Restou-nos cumprir o nosso título e de todas as consonâncias e dissonâncias aqui presentes, ergueu-se um amplo paradoxo: esse universo romântico-cristão absorveu-nos, completamente, revelando o prazer da escrita literária e o desejo de ir além, trazendo aos brasileiros uma leitura adequada ao português contemporâneo, falado em nosso país, do grande mestre da literatura pré-romântica.

[507] "[...] os corações que se amam se entendem com meias-palavras".

REFERÊNCIAS

ÁDÁM, A. ***La poétique du vague das les oeuvres de Chateaubriand: vers une esthétique comparée.*** Paris: L'Harmattan, 2007.

ANDRADE, C. D. de. **Carlos Drummond de Andrade: Poesia 1930-1962: de *Alguma Poesia* a *Lição de coisas*.** Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BARBERIS, P. *Chateaubriand et le Préromantisme*. In: ***Annales de Bretagne***. Tome 75, numéro 3, 1968. Colloque Chateaubriand, p. 547-558.

BARTHES, R. ***Mythologies***. Paris: Seuil, 1957.

BAUDELAIRE, C. *Enivrez-vous*. In: ***Le spleen de Paris ou Les Cinquante Petits Poèmes en Prose de Charles Baudaelaire***. Paris: Frazier-Soye, 1917.

BERCEGOL, F. ***La poétique de Chateaubriand: le portrait dans les Mémoires d'outre-tombe***. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.

_____. *Chateaubriand ou la conversion au progrès*. In: ***Romantisme***, 2000, n°108. L'idée de progrès. p. 23-51.

_____. ***Chateaubriand: une poétique de la tentation.*** Paris: Classiques Garnier, 2009.

_____. *Un mythe romantique*: *Napoléon dans les Mémoires d'outre-tombe de Chateaubriand*. In: ***Napoléon Bonaparte oder der entfesselte Prometheus, Willi Jung (Hg.)***. Göttigen: Bonn University Press, 2015, p.95-112.

_____. ***Le jeu des passions dans Les Aventures du dernier Abencérage***. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bude_1247-6862_1997_num_56_4_2426. Acesso em 23 de janeiro de 2018.

BERCHET, J-C. *Chateaubriand poète de la nuit*. In: ***Chateaubriand Today***. *Edited by* Richard Switzer. Switzerland: Librairie Droz, 1970.

_____. *Introduction*. In: ***Les Natchez, Atala - René.*** *Édition établie par* Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2009.

BEAUMARCHAIS, J-P de; COUTY, D; REY, A. ***Dictionnaire des Littératures de Langue Française.*** Paris: Bordas, 1990.

BLAIN-PINEL, M. ***Le symbolisme des lieux dans Les Aventures du dernier Abencérage***. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bude_1247-6862_1997_num_56_4_2425. Acesso em 03 março de 2018.

BRETON, A. ***Manifeste du surréalisme.*** Disponível em https://inventin.lautre.net/livres/Manifeste-du-surrealisme-1924.pdf. Acesso em 15 de janeiro de 2017.

CANDIDO, A. No raiar de Clarice Lispector. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 123-131.

CHATEAUBRIAND, F-R de. *Voyage en Amérique*. In: ***Oeuvres romanesques et voyages I***, *Édition établie par Maurice Regard*. Tours: Gallimard, coll. «*Bibliothèque de la Pléiade*», 1969.

_____. In: ***Oeuvres romanesques et voyages II***, *Édition établie par Maurice Regard*. Tours: Gallimard, coll. «*Bibliothèque de la Pléiade*», 1969.

_____. ***Essai sur les Révolutions et Génie du Christianisme*.** *Édition´établie par* M. Regard. Paris: Gallimard, coll. «*Bibliothèque de la Pléiade*», 1978.

_____. ***Oeuvres Complètes, XVI***. *Sous la direction de* Béatrice Didier. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008.

_____. *Atala*. In: ***Oeuvres complètes, XVI***. *Édition établie par* Fabienne Bercegol**.** Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008.

_____. ***Les Natchez, Atala - René***. *Édition établie par* Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2009.

_____. ***Mémoires d'outre-tombe, Livres I à XII***. *Édition établie par* Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2014.

_____. ***Mémoires d'outre-tombe, Livres XXXIV à XLII***. *Édition établie par* Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2015.

_____. ***Mémoires d'outre-tombe, Livres XIII à XXIV***. *Édition établie par* Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2016.

_____. ***Mémoires d'outre-tombe, Livres XXV à XXXIII***. *Édition établie par* Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2016.

CLEMENT, J-P. ***Chateaubriand: biographie morale et intellectuelle***. Paris: Flammarion, 1998.

DESBORDES-VALMORE, M. ***Poésies***. Paris: Gallimard, 1983.

DIDIER, B. *Introduction*. In: ***Chateaubriand avant le Génie du christianisme*.** Paris: Honoré Champion, 2006.

DIÉGUEZ, M. *Esquisse d'une psychanalyse orphique de la poésie*. In: ***Chateaubriand Today***. *Edited by* Richard Switzer. Switzerland: Librairie Droz, 1970.

DUVAL-STALLA, A. ***François-René de Chateaubriand – Napoléon Bonaparte: une histoire, deux gloires***. Paris: Gallimard, 2015.

FERREIRA, A.B de Holanda. **Pequenos poemas em prosa (O Spleen de Paris)**. In: BAUDELAIRE, C. **Poesia e Prosa**. Volume único/ Charles Baudelaire; edição organizada por Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

FLORIAN, J-P Claris de. ***Essai sur la pastorale***. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=2KO6BbXc3UMC&pg=PA249&lpg=PA249&dq=On+reproche+au+genre+pastoral+d%E2%80%99%C3%AAtre+froid+et+ennuyeux;+d%C3%A9fauts+qui+n%E2%80%99obtiennent+jamais+grac%C3%AA,+surtout+en+France&source=bl&ots=EZEvwOyEKI&sig=WZRQHVQsIgmT9xqmPISLBu-nT-o&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj7kLfw2tbaAhVBI5AKHaRqDYYQ6AEIJzAA#v=onepage&q&f=false. Acesso em 25 de janeiro de 2018.

FUMAROLI, M. ***Chateaubriand, Poésie et Terreur***. Paris: Éditions de Fallois, 2003.

GIRAUD, V. ***Le christianisme de Chateaubriand I. Les origines***. Paris: Hachette, 1925.

GLAUDES, P. ***Atala, le désir cannibale*.** Paris: PUF, 1994.

_____. *Chateaubriand troubadour*. In: ***Chateaubriand: Le Tremblement du Temps – Colloque de Cerisy***. *Textes réunis et présentes par* Jean-Claude Berchet. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1994.

_____. *René: un récit exemplaire*. In: BERCEGOL, F.; GLAUDES, P. ***Chateaubriand et le récit de fiction***. Paris: Garnier, 2013.

GOETHE, J.W. ***Les souffrances du jeune Werther***. Paris: Charpentier - Libraire-Éditeur, 1839.

LAVAILLANT, M. *Chateaubriand (François-René)*. In: LAFFONT-BOMPIANI. ***Dictionnaire des auteurs*.** Vol. 1. Paris: Robert Laffond, 1980. Coll. *« Bouquins »*.

LEFEBVRE, G. **O surgimento da Revolução Francesa**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

LETESSIER, F. *Introduction*. In: ***Atala***. Paris: Classiques Garnier, 1962, p.III-LXXX.

MICHEL, A. *Présentation*. In: ***Oeuvres Complètes, XVI***. *Sous la direction de* Béatrice Didier. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008, p.443-460.

MOISAN, P. ***Les Natchez de Chateaubriand: L'utopie, l'âbime et le feu.*** Paris: Honoré de Champion Éditeur, 1999.

NETTEMENT, A. ***Souvenirs de la Restauration*.** Paris: Libraire-Éditeurs, 1858. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k23573p.image. Acesso em 22 de fevereiro de 2018.

NOLLET, R. ***Lectures choisies de Chateaubriand*.** Paris: Garnier Frères, 19--.

PRINCIPATO, A. *Le premier Chateaubriand entre le sauvage et le héros antique*. In: ***Chateaubriand avant le Génie du christianisme*.** Paris: Honoré Champion Éditeur, 2006.

REGARD, M. *Introduction*. In: CHATEAUBRIAND, F-R de. ***Oeuvres romanesques et voyages I***. Tours: Gallimard, 1969. p. 597-610.

RIMBAUD, A. ***Poésies. Une saison en enfer. Illuminations.*** *Édition* de Louis Forestier. Paris: Gallimard, 1999. (Coll. Folio Classique).

ROUSSEAU, J.J. ***Les confessions I***. Paris: Gallimard, 1973. (Coll. Folio Classique).

SAFRANSKI, R. **Romantismo:** uma questão alemã. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

STAROBINSKI, J. *Chateaubriand et Rousseau*. In: ***Chateaubriand, Poésie et Terreur***. Paris: Éditions de Fallois, 2003.

TABET, E. ***Les ambivalences du religieux dans le Génie du Christianisme: Entre Lecture et Apologétique***. Disponível em: http://etudes-romantiques.ish-lyon.cnrs.fr/wa_files/EmmanuelleTabet.pdf. Acesso em 17 de maio de 2016.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BALCOU, J. ***René - Chateaubriand***. Paris: El-lipses, 2006. (Coll. *Textes Fondateurs*).

BARBERIS, P. ***À la recherche d'une écriture, Chateaubriand***. Paris: Mame, 1974.

_____. ***René de Chateaubriand, un nouveau roman***. Paris: Larousse, 1973.

BERCHET, J-C. ***Chateaubriand ou les Aléas du Désir***. Paris: Éditions Belin, 2012.

CHINARD, G. ***L'exotisme américain dans l'oeuvre de Chateaubriand.*** Paris: Honoré Champion Éditeur, 1918.

BARGUILLET, F. ***Le roman au XVIIIe siècle***. Paris: PUF, 1981.

_____. ***Rousseau ou l'illusion passionnée. Les Rêveries du Promeneur Solitaire***. Paris: PUF, 1991.

BAZIN, C. ***Chateaubriand en Amérique.*** Paris: Table Ronde, 1969.

BEGUIN, A. ***L'âme romantique et le rêve***. Paris: J. Corti, 1963.

BERCEGOL, F. *Des lettres et des gens des lettres dans l'Essai sur les révolutions*. In: ***Chateaubriand avant le Génie du christianisme.*** Paris: Honoré Champion, 2006.

BERCEGOL, F. PHILIPPOT, D. ***La pensée du paradoxe: approches du romantisme: hommage à Michel Crouzet.*** Paris: Presses de l'université Paris-Sorbonne, 2006.

BERCEGOL, F. L'héritage *de l'idylle dans les fictions de Chateaubriand.* In: ***Chateaubriand et le récit de fiction,*** *sous la direction* de F. Bercegol et P. Glaudes. Paris: Garnier, 2013, p.67-93.

BERCEGOL, F. *Chateaubriand et Bernardin de Saint-Pierre: la réécriture de Paul et Virginie dans Atala.* In: ***Chateaubriand et le récit de fiction***, *sous la direction* de F. Bercegol et P. Glaudes. Paris: Garnier, 2013, p.95-113.

BERCEGOL, F.; GLAUDES, P. ***Chateaubriand et le récit de fiction***. Paris: Garnier, 2013.

BERCEGOL, F. *La poétique de l'essai au lendemain de la Révolution: l'éclairage des notes dans l'Essai sur les révolutions de Chateaubriand*. In: **Romantisme**, n°164, 2014, p. 27-39.

_____. ***L'expérience de la conversion dans l'oeuvre de Chateaubriand.*** Disponível em: http://etudes-romantiques.ish-lyon.cnrs.fr/wa_files/FabienneBercegol.pdf. Acesso em 14 de janeiro de 2017.

BOISHAMON, C. du. ***Chateaubriand intime - l'écrivain par son neveu de Bretagne***. Saint-Malo: Cristel, 1998.

BONY, J. ***Lire le Romantisme***. Paris: DUNOD, 1992.

BORNHEIM, G. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, Jacob. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.75-111. (Stylus).

BRAY, R. ***Chronologie du Romantisme***. Paris: Nizet, 1963.

CABANIS, J. ***Chateaubriand, qui êtes-vous?*** Paris: Gallimard, 1998.

CATEL, O. ***Peinture et esthétique religieuse dans l'oeuvre de Chateaubriand.*** Paris: Éditions Champion, 2016.

CHAOUAT, B. ***Je meurs par morceau***. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1999.

CROGIEZ, M. ***Solitude et Méditation*. Études sur les Rêveries de Jean-Jacques Rousseau**. Paris : Honoré Champion Éditeur, 1997.

D'ANDLAU, B. *La genèse des « Martyrs »*. In: ***Cahiers de l'Association internationale des études francaises***, 1953, n°3-5, p.209-221.

GUSDORF, G. ***Le Romantisme***. Paris: Bibliothèque Philosophique Payot, 1995.

HUYNH-TANN, S. ***Dictionnaire de Chateaubriand***. Paris: La Bibliothèque, 2005.

LE GOFF, J. **História e memória**. 4ª ed. Tradução de Irene Ferreira Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Unicamp, 1996.

LEJEUNE, P. ***Le Pacte Autobiographique***. Paris: Seuil, 1975.

LEMAIRE, C. ***Sur les traces de l'enchanteur ou Chateaubriand au XXIe siècle***. Paris: Société des Écrivains, 2003.

LOTTMAN, R. ***Chateaubriand ou rien***. Paris: Odile Jacob, 2003.

MAUZI, R. ***L'idée du bonheur dans la littérature et la pensée au XVIIIe siècle***. Paris: Librairie Armand Colin, 1960.

MAY, G. ***Rousseau par lui-même***. Paris: Seuil, 1961.

MAURRY, D. ***L'enchantement angoissé de Chateaubriand***. Disponível em: http://babel.revues.org/3506. Acesso em 22 de janeiro de 2016.

MESLIN, M. *Du « Génie du Christianisme » à « de la religion » de B. Constant.* In: ***Annales de Bretagne***. Tome 75, numéro 3, 1968, Colloque Chateaubriand, p.522-533.

MICHEL, A. *Chateaubriand, la mer et le sacré* [*À propos de: Marie Pinel, La mer et le sacré chez Chateaubriand*]. In: ***Bulletin de l'Association Guillaume Budé: Lettres d'humanité***, n°52, décembre 1993, p.424-429.

MORETTO, Fúlvia Maria Luiza. O que é Romantismo? In: MACHADO, Guacira Marcondes (Org.). **Textos**. Araraquara: Gráfica do Câmpus de Araraquara, 1992. p.13-20.

MORIER, H. ***Dictionnaire de poétique et de rhétorique***. Paris: PUF, 1998.

MOURO, M. M. ***Atala de F-R de Chateaubriand: objet fictionnel pour une pédagogie chrétienne***, 2013. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

MOUROT, J. ***Études sur les premières oeuvres de Chateaubriand. Tableaux de la nature - Essai sur les Révolutions***. Paris: Nizet, 1962.

MOUTTAPA, F. ***Atala, René, Les Aventures du dernier Abencérage de Chateaubriand.*** Paris: Gallimard, 2009. (Coll. Foliothèque).

PINEL, M. *Repos et inquiétude chez Chateaubriand*. In: ***Bulletin de l'Association Guillaume Budé***, n°2, juin 1994. p.213-224.

PINTO, M-C de Moraes. Alencar, leitor de Chateaubriand. In: ***Parcours*/ Percursos**, v.1, 1992, p.1-15.

_____. **O Pré-Romantismo: Rousseau e Chateaubriand**. In: **Textos**, 1992, v.12, p.21-29.

_____. **A vida selvagem: paralelo entre Chateaubriand e Alencar**. São Paulo: Annablume, 1995. (col. timbre; 2).

_____. **Alencar e a França.** São Paulo: Annablume, 1999.

_____. A recepção de Chateaubriand no Brasil. In: NITRINI, S. (Org.). **Aquém e além mar**. São Paulo: HUCITEC, 2000, p.41-58.

_____. *Présence française et identité nationale*. In: ***Revue de Littérature Comparée***, v.4, 2005, p.403-410.

RAYMOND, M. ***Jean-Jacques Rousseau, la quête de soi et la rêverie***. Paris: José Corti, 1962.

RONSARD, ROUSSEAU, NERVAL. ***Aspects du lyrisme du XVIe au XIXe siècle.*** *Actes du Colloque du Centre de recherches littéraires pluridisciplinaires*. Nice: *Centre de recherches littéraires pluridisciplinaires,*1997.

ROSENFELD, A. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. **Texto/contexto: ensaios**. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 73-95.

ROUSSEAU, J.J. ***Les Rêveries du Promeneur Solitaire***. Paris: Gallimard, 1972. (Coll. Folio Classique).

ROUSSEAU, J.J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Trad. de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986.

STAROBINSKI, J. ***L'oeil vivant***. Paris: Éditions Gallimard, 1960.

STAROBINSKI, J. ***Jean-Jacques Rousseau. La Transparence et l'Obstacle***. Paris: Gallimard, 1961.

TAPIE, V-L. ***Chateaubriand: écrivains de toujours***. Bourges: Tardy Quercy, 1965.

VADÉ, Y**.** ***L'enchatement littéraire*****.** ***Écriture et magie de Chateaubriand à Rimbaud*****.** Paris: Bibliothèque des idées, Gallimard, 1990.